CALAMIDADE NO RS

Voluntários viram escudo humano ao resgatar carga de armas do aeroporto

Silvio Milani
silvio.milani@gruposinos.com.br

Segundo a Polícia Federal, uma carga milionária de fuzis e pistolas armazenada no Aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto Alegre, corria risco de roubo. A notícia de 3,5 mil armas da fabricante Taurus ilhadas no terminal de exportação já tinha vazado para uma facção criminosa, que estaria planejando um ousado ataque. Era preciso remover com urgência o arsenal das instalações alagadas.

O trabalho preventivo foi feito, mas por voluntários na linha de frente, que nunca deram um tiro na vida. Sequer usaram colete à prova de balas durante as oito horas de transporte das 156 caixas de armamento, em dois barcos que eles próprios custearam.

"Nos enganaram, pois fomos chamados para resgatar crianças e acabamos virando escudo humano", relata o investidor Nicolas Vedovatto, 26 anos. Ele frisa que o grupo de cinco amigos só foi informado em cima da hora que o resgate era de armas. "Nos sentimos coagidos", observa uma médica de 31 anos, que pede para não ser identificada. O namorado dela, um empresário de 30 anos, foi junto. Também prefere preservar a identidade.

"É surreal o que passamos. Ainda não caiu a ficha", comenta o analista de sistemas Igor Garcia de Oliveira, 26, ao lado do empresário do setor metalúrgico Isaac Freire Lopes, 25. Sob liderança de Nicolas, os voluntários trabalharam na remoção das armas com um caminhoneiro e um barqueiro que eles contrataram.

Munido de fotos, vídeos e áudios, o grupo relata os bastidores da insólita operação, que margeia as raias do absurdo. Contam como, repentinamente, se viram em posição estratégica na delicada tarefa. Chegaram a definir rotas de navegação e a orientar sobre cuidados para não molhar as embalagens e danificar as armas.

"Estamos assustados"

Os amigos, que moram no litoral norte, reiteram que foram atraídos ao arriscado trabalho de forma enganosa. Inicialmente, representantes da Taurus teriam se identificado como voluntários que clamavam pelo resgate de crianças. Na iminência do suposto salvamento, falaram estar a serviço da empresa e revelaram o verdadeiro trabalho.

"Dias depois, nos deparamos com uma reportagem no Fantástico, onde aparecemos fazendo o transporte como se fôssemos policiais de elite. Ainda vimos, em vários sites, que essas armas eram cobiçadas por facções. E nós lá, tirando elas. Estamos assustados e muito preocupados", salienta o investidor. Em entrevista ao programa dominical da Rede Globo, o superintendente da Polícia Federal no Rio Grande do Sul, delegado Aldronei Rodrigues, enaltece o sucesso da operação.

FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Grupo de amigos participou da remoção de 156 caixas com fuzis e pistolas pela água

A busca por gente, barcos e equipamentos

O homem disse que eram necessários quatro barcos e uma equipe especializada. Sensibilizado, Nicolas publicou um vídeo com pedido de apoio e voltou a Capão com o amigo para reunir os recursos, durante a quarta. Em áudio empolgado, dá retorno ao homem. "Vai ter uma médica com a gente. Pergunta se as crianças estão feridas e se precisam de atendimento de primeiros socorros."

A profissional da saúde, que é velejadora, logo se engajou. "Já vinha a semana inteira ajudando em abrigos. Consegui uma colega para me substituir no atendimento. Estava determinada a atuar no resgate às crianças." O namorado empresário, que é surfista, auxiliou na logística.

O grupo partiu às 4 horas de quinta em dois automóveis e um caminhão com dois barcos. Levou um conjunto de equipamentos táticos, como machados, boias, cordas e coletes. Informado sobre a quantidade de embarcações, o homem que fez o convite pedia para conseguir mais duas.

"Entrei em contato com conhecidos e perguntei sobre a possibilidade do apoio de um policial militar no salvamento às crianças, pois poderia haver episódios de violência", acrescenta a médica. Igor deixou uma equipe da Defesa Civil em alerta para reforçar a operação. "Ficaram aguardando o endereço", recorda.

O encontro pessoal e a revelação estarrecedora

O ponto de encontro era em um posto de combustíveis em Canoas, às 7 horas, onde seria dito o local de salvamento das crianças. Foi o primeiro contato pessoal com o homem das mensagens, que aguardava o grupo ao lado de uma mulher. Ela se apresentava como coordenadora da ação voluntária.

Em meio às primeiras conversas, ansiosos para irem ao salvamento, os voluntários ouviram um comunicado estarrecedor da mulher. "Trabalho na Taurus. O resgate que vocês vão fazer não é mais de crianças, e sim de armas." Ainda assimilando a surpresa, os voluntários se negaram em participar.

"Travei. Disse que não iria. Ela argumentou que precisava de civis e que haveria policiais à paisana. Pedimos identificação e ela nos mostrou uma carteira de trabalho da Taurus", recorda a médica. Apoiada pelos amigos, ela insistiu em não ir. "Daí a mulher disse que era tão importante quanto salvar crianças, pois evitaria que armas fossem parar nas mãos de bandidos."

O grupo estava desconfiado e até preocupado que poderia ser vítima de um sequestro. "Mas não tinha mais como desistir porque nos disseram que agora a gente estava sabendo de algo muito sigiloso e não podia voltar atrás. Não iam deixar a gente sair. Foi uma coação total e apelaram para o emocional, dizendo que ia ajudar muita gente", denuncia Nicolas. "Acabamos concordando quando ela disse que a partida seria no posto da Polícia Rodoviária Federal (PRF), na free way, o que nos passou uma certa sensação de segurança", comenta a médica.

Só que a unidade policial estava abaixo d'água. Só havia patrulheiros do lado de fora. O caminhão com os barcos chegou antes. Os voluntários pegaram um retorno errado e chegaram depois. A coordenadora frisou que a operação era de sigilo absoluto. O homem das mensagens não foi mais visto. "Perguntei se receberíamos coletes à prova de balas e ela respondeu que não", frisa a médica.

Como surgiu o convite para a missão

Moradores de Capão da Canoa, Nicolas e Igor foram para a região metropolitana na noite do último dia 5, um domingo, sem saber onde se hospedariam. "Com tantas pessoas sofrendo, pela minha experiência com resgate na água, que já fiz muito surfando, vi como obrigação levar ajuda", diz Nicolas.

Nicolas, Isaac e Igor ficaram em abrigo em Gravataí

A dupla foi no carro de Igor. "Na free way, vimos uma caminhonete com vários caiaques. Emparelhamos, pedimos para baixar o vidro e começamos a conversar. Eram bombeiros, que estavam indo para Gravataí, e pediram para segui-los." Nicolas frisa o bom acolhimento em abrigo no Colégio Dom Feliciano.

Paramentados com roupa de borracha, faca e machado, partiram para os socorros de manhã cedo. "Já no início foi muito intenso e gratificante. Conseguimos resgatar várias pessoas e animais em Eldorado do Sul." A dupla ganhou destaque nos salvamentos e passou a participar de vários grupos nas redes sociais.

Foi assim que veio o fatídico convite. "Recebi mensagem de um desconhecido, com entonação forte, dizendo que tinha uma demanda urgente de resgate de crianças. Era uma missão prioritária. Aquilo me comoveu muito. Logo me coloquei à disposição."

abc+
Leia mais notícias sobre a calamidade no RS em abcmais.com